



Volume 15,n. 1, ano, 2019

A FOTOGRAFIA NAS AULAS DE HISTÓRIA: Potencialidades

Astrogildo Fernandes Silva Júnior¹

Davi Aragão Martins da Silva²

Resumo: O presente artigo aborda a potencialidade da fotografia no Ensino de História a partir do uso de imagens fotográficas retiradas da obra “Trabalhadores – uma arqueologia da era industrial” do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. Foram feitas revisão bibliográfica que possibilitou compreender como a fotografia pode ser percebida como fonte histórica, e análise do desenvolvimento de Projeto de Ação Didática realizado na Escola Estadual João Pinheiro em Ituiutaba, Minas Gerais. O Projeto foi desenvolvido em quatro turmas do sexto ano. Os resultados revelaram que o trabalho com fotografias nas aulas de história contribuiu para religar saberes, ampliar a leitura de mundo, e para a formação histórica e crítica dos estudantes.

Palavras-chave: Fotografia. Ensino. História. Didática.

PHOTOGRAPHY IN HISTORY LESSONS: Potentialities

Abstract: This paper approaches the potential of photography in History Teaching from the use of photographic images taken from "Workers - an archeology of the industrial era" by the Brazilian photographer Sebastião Salgado. The methodology consisted of a bibliographical review that made it possible to learn how photography can be perceived as a historical source, as well as analysis of a Project of Didactic Action carried out at the João Pinheiro State School in Ituiutaba, Minas Gerais. The Project was developed in four classes of the sixth year. The results revealed that the work with photographs in the history classes contributed to reconnect knowledge, broaden the reading of the world, and to the historical and critical formation of the students.

Keywords: Photography. Teaching. History. Didactics.

1 INTRODUÇÃO

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professor do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal - FACIP.

² Professor de História. Graduado em História pela Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP/UFU)



Volume 15,n. 1, ano, 2019

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida ao longo da graduação em História na Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP/UFU). Partimos dos seguintes questionamentos: é possível aprender história a partir da fotografia? Ao recorrer à fotografia nas aulas de História é possível desenvolver a leitura crítica do mundo e a intervenção na reinvenção da sociedade?

Dessa forma, o objetivo da pesquisa foi analisar o potencial da fotografia no processo de formação histórica de jovens. Para cumpri-lo produzimos e desenvolvemos um projeto de ação didática com estudantes do sexto ano da Escola Estadual João Pinheiro. Organizamos o artigo em quatro partes. Na primeira, apresentamos algumas considerações sobre a escola e os sujeitos (professora e estudantes do sexto ano do ensino fundamental). Na segunda, apresentamos o projeto desenvolvido. Na terceira, registramos a análise realizada a partir do desenvolvimento do projeto nas aulas de História. Por fim, registramos algumas considerações.

2 APRESENTAÇÃO DA ESCOLA E DOS SUJEITOS

O projeto foi desenvolvido na Escola Estadual João Pinheiro, situada na Rua 20, número 1331 - Bairro Centro em Ituiutaba, Minas Gerais. Em relação à estrutura física a escola possui uma sala de direção, uma sala de reuniões, uma sala para recursos humanos, secretaria, sala de arquivo, biblioteca com banheiros feminino e masculino, sala de informática com banheiros feminino e masculino, banheiros para estudantes, treze salas de aula, sala dos professores com banheiros, dentre outros espaços.

Para conhecer melhor a escola fizemos a leitura do Projeto Político Pedagógico (PPP). Esse estudo foi essencial para obtermos informações sobre as particularidades do ambiente escolar. André (2006) afirma que:

Conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem seu dia a dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados. (p.41).



Volume 15,n. 1, ano, 2019

Nesse sentido, ressaltamos a importância de analisar a escola em geral para detectarmos aspectos subjetivos de um ambiente multicultural. O PPP é o ponto inicial para pensar se a escola está focada em estabelecer boas condições para os estudantes e se existe preocupação com os diferentes perfis e realidade de seus sujeitos.

A escola oferece Ensino Fundamental de nove anos. O Projeto Político Pedagógico (2015, p.11) também inclui informações sobre o perfil dos pais e responsáveis pelos estudantes. O documento descreve o perfil dos pais, de maneira geral, como trabalhadores assalariados com nível médio de escolaridade. O documento ainda afirma que os pais têm elevada participação no acompanhamento escolar dos estudantes, frequentando reuniões, comparecendo à escola quando solicitados e em datas festivas e eventos organizados pela escola. O PPP ressalta um tópico destinado à apresentação dos professores, direção e servidores da escola. O documento registra que o corpo docente possui formação superior com licenciatura para suas respectivas funções bem como os colaboradores de cargos administrativos. Consta, também, que a direção tem preocupação em oferecer aos estudantes boas condições de aprendizagem graças a uma gestão participativa e democrática.

Em relação à gestão democrática, podemos perceber algumas nuances em comparação a outras escolas observadas na mesma cidade. O diretor da instituição foi acolhedor tanto no momento da recepção do pesquisador quanto no período do desenvolvimento das atividades propostas. Nas observações ficou evidente que assuntos diversos são tratados em conjunto com o corpo docente na sala dos professores. A sala dos professores é um ambiente organizado e aconchegante.

O PPP indica que os professores estão “sempre a capacitar-se para melhorar sua prática, buscando aprender o uso de novas tecnologias e implementar seu ensino, visando assim melhoria na qualidade da aprendizagem do aluno” (PPP, 2015, p.11). Tal citação é relevante uma vez que os educadores necessitam buscar maneiras de agregar qualidade em suas metodologias educacionais. Além disso, concorda com as exigências cobradas no capítulo IV da Lei de Diretrizes e Bases – LDB/9.394/96³, que ressalta a formação continuada. Na LDB, no que se refere aos profissionais da educação, a LDB apresenta tópicos

³ Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Mais conhecida com LDB é um documento que define, regulariza e organiza os moldes da educação brasileira. Disponível em: <https://goo.gl/i89idR> Acesso em: 12 jun. 2017.



Volume 15,n. 1, ano, 2019

que esclarecem que as instituições superiores de educação devem manter “programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis” (BRASIL, 1996, p.20). Ainda, no artigo 40, apresenta que, “A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho”. (BRASIL, 1996, p.14).

A instituição escolar pode ser primordial para incentivar a formação continuada. Manter o educador em busca de melhor formação contribui para o trabalho docente, para a instituição escolar, desse modo, colaborando para um ambiente dedicado às particularidades do ensino.

O PPP aborda os ciclos de competências para o Ensino Fundamental dos anos finais. O conteúdo das disciplinas é pautado no Currículo Básico Comum (CBC)⁴, ressaltamos somente o que diz respeito à disciplina de História. Dentro do campo das Ciências Humanas, os objetivos são:

- compreender as relações da natureza com o processo sociocultural, político e econômico, no passado e no presente;
- reconhecer e compreender as diferentes relações de trabalho na realidade atual e em outros momentos históricos;
- compreender o processo de formação dos povos, suas lutas sociais e conquistas, guerras e revoluções, assim como cidadania e cultura no mundo contemporâneo;
- Realizar, automaticamente, trabalhos individuais e coletivos usando fontes históricas. (PPP, 2015, p.21).

Os objetivos da disciplina de História apresentados no PPP vão ao encontro das propostas do ensino de História na perspectiva de uma formação ampla, envolvendo o aprendizado de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Há ênfase em estimular trabalhos coletivos e na utilização de fontes históricas, pois, apresentar diferentes fontes para os estudantes contribui para romper com a ideia de uma história única ou de uma história “verdade”. Os objetivos são abordados de maneira genérica, mas o professor tem autonomia para inserir conteúdos importantes em seu planejamento de aula. O professor pode, por exemplo, trabalhar com história da cidade de Ituiutaba dentro do objetivo que busca

⁴ O Currículo Básico Comum, mais conhecido apenas pela sigla CBC, é um documento com elementos para compor o processo educativo. Estabelece conhecimentos, habilidades, competências e metas para alunos da educação básica. Aborda elementos fundamentais para cada disciplina. No nosso caso, fizemos uso do CBC de História para o ensino fundamental e médio. Disponível em: <https://goo.gl/TCDvkQ> Acesso em: 05 ago. 2017.



Volume 15,n. 1, ano, 2019

compreender as relações de trabalho e ainda pode apontar movimentos sociais e culturais da cidade.

A escola possui parcerias pedagógicas para somar em seu processo de educar. Recebe estagiários da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP/UFU) e também do Instituto Superior de Educação de Ituiutaba (FEIT/UEMG). Conta com a participação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID), com os cursos de História e Pedagogia. Tais informações evidenciam que a escola está aberta às atividades de extensão vindas de outras instituições o que torna positiva, tanto para a escola, quanto para os futuros educadores a participação nos projetos.

Selecionamos, no turno da manhã, as quatro turmas de 6º ano para elaborar a observação e, posteriormente, desenvolver um projeto de ação didática. A docente que nos recebeu para acompanhar o desenvolvimento das atividades na escola possui bacharelado e licenciatura em História pela Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2012. Evidenciamos que a professora, dotada de uma postura carismática e portadora de uma narrativa envolvente, era muito respeitada pelos estudantes. Privilegiava a aula expositiva dialogada. Sempre registrava no quadro a temática e o objetivo da aula.

Durante as observações em um semestre identificamos momentos de debates nas aulas de história. Era comum a professora recorrer à representação de ideias, às analogias, ilustrações, exemplos e explicações como modo de representar e ordenar os conteúdos de forma a torná-los compreensíveis para os estudantes. Sobre isso Lautier (2011) afirma que:

A sala de aula é o lugar legítimo para elaborar conhecimentos mais formalizados, para escolher, classificar, reorganizar as informações propostas por todos os outros canais de vulgarização. No âmbito de uma aula de história, cabe aos professores suscitar as condições para passar da simples narrativa à narrativa histórica, ou pelo menos a uma forma aligeirada da narrativa histórica (p. 51).

As observações das práticas da professora confirmaram a sala de aula como lugar de diálogos, problematizações e reflexões. Notamos que a docente havia trabalhado o conceito de fonte histórica e explicou que esta pode ser escrita, oral, material e visual. Sabendo do projeto que seria desenvolvido nas turmas do 6º ano, a professora citou a fotografia como



Volume 15,n. 1, ano, 2019

fonte histórica visual e explicou que posteriormente as turmas trabalhariam com a produção de imagens fotográficas.

Cada turma possui, em média, 34 estudantes. Constatamos que, de maneira geral, a divisão entre homens e mulheres não é discrepante. Em uma das turmas, há três estudantes com deficiência de aprendizagem, sendo que um deles tem Transtorno do Espectro Autista. Esses três educandos contam com o auxílio de uma professora que estabelece apoio para mediar o processo de ensino e aprendizagem. Ela participa de todas as aulas auxiliando os jovens. Este relato é interessante por sabermos que a escola possui meios para atender estudantes com outras necessidades.

Ao observar a sala de aula percebemos seu aspecto multicultural. As turmas possuem jovens negros, ruivos, e predominantemente, pardos e brancos. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da instituição os estudantes são, “na sua maioria filhos de trabalhadores assalariados e de nível econômico médio-baixo. Eles têm acesso à televisão, rádio e outros meios de comunicação. São alunos frequentes às aulas. A maioria restringe a leitura ao ambiente escolar”. (PPP, 2015, p.10-11).

Ao longo das observações identificamos a participação dos pais no processo de escolarização dos filhos. Muitos estudantes desenvolvem outras atividades, como aulas de línguas, em horário extraescolar. A maioria dos estudantes possui telefone celular com acesso à *internet*. Vale salientar que a escola é situada em área central da cidade, mas atende públicos de bairros mais distantes. É essencial para um bom funcionamento institucional e educacional que a escola se atualize em relação aos educandos, pois assim é possível ir além do multiculturalismo assimilacionista, que não considera e não questiona as diferenças, podendo resultar em desinteresse escolar.

No tópico que segue, apresentamos um projeto de ação didática desenvolvido na Escola Estadual João Pinheiro que consistiu em trabalhar com diferentes linguagens nas aulas de História dos anos finais do ensino fundamental.

3 O PROJETO DE AÇÃO DIDÁTICA: a fotografia em foco



Volume 15,n. 1, ano, 2019

Segundo Veiga (2006, p.78) é importante que o projeto parta da experiência sociocultural do aluno e dos conteúdos curriculares. Centrado no aluno e com uma preocupação em criar e produzir inovação, ele se baseia em problemas ligados à realidade social. O Projeto de Ação Didática é uma proposta de intervenção. É centrado no estudo dos problemas em seu contexto social e orientado pela dinâmica integradora e de síntese entre teoria e prática. É uma atividade intencional por meio da qual o ator social, tomando o problema que o interessa, produz conhecimentos, adquire atitudes e/ou resolve problemas que o preocupam através do estudo e do envolvimento numa questão autêntica ou simulada da vida real.

O projeto de ação didática desenvolvido teve como objetivo apresentar a fotografia como fonte histórica, buscando explicar a importância de problematizar imagens fotográficas. Nesse sentido, contribuir para a desconstrução da história como verdade absoluta. Ressaltamos que a fotografia também faz parte de um processo de criação em que estão em xeque as intenções do fotógrafo, o autor. Devemos nos preocupar e recorrer a informações buscando compreender em qual contexto a imagem foi feita. Nesse sentido, o autor é capaz de selecionar aquilo que irá mostrar, ou seja, “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”. (KOSSOY, 2001, p.36). A fotografia contém um objetivo a ser evidenciado. O fotógrafo define o que pretende congelar no tempo e qual a proposta do conteúdo de sua obra.

A imagem fotográfica pode trazer consigo diversas informações temporais, culturais e sociais. Esse contato visual pode apresentar elementos e informações que não sejam perceptíveis em fontes escritas. Trazendo essa hipótese para o ambiente escolar, a fotografia pode tornar as aulas mais significativas colaborando para o aprendizado dos educandos por estimular áreas sensíveis diferentes. Em sala de aula pode despertar reflexões, sentimentos e desejos pertinentes à formação cidadã. A utilização de fotografias e outras linguagens pode ser categórica para envolver sujeitos e apresentar, de modo figurativo, aspectos do passado. A partir dessa afirmação, expomos a citação de Lautier (2011) que esclarece que o uso de imagens contribui para a abordagem do conhecimento histórico. A autora afirma que,



Volume 15,n. 1, ano, 2019

O recurso a imagens tão significantes que parecem falar delas mesmas como, por exemplo, o trabalho das crianças, as máquinas, as fundições, as galerias de minas retornam com insistência para definir a revolução industrial do século XIX. Do mesmo modo, a vida nas trincheiras pode ser um atalho fácil para testemunhar os conhecimentos escassos da primeira guerra mundial. Diretamente emprestadas de filmes ou de documentos iconográficos de manuais, algumas imagens-chave contribuem assim para a construção de representações significantes. (LAUTIER, 2011, p.44-45).

Nesse sentido, o uso de imagens fotográficas no ensino de História pode ser uma importante linguagem para estimular novas visões e significados para os estudantes. O contato visual ajuda o estudante a perceber elementos e abre portas à imaginação. As imagens podem auxiliar os estudantes a conhecer outras temporalidades, além de sensibilizá-los e fundamentá-los a compreenderem que os aspectos atuais não podem ser explicados apenas pelo presente e “ainda é utilizada como janela para o passado, fornecendo dados que os documentos textuais não registraram”. (SÔNEGO, 2010, p.114).

Fora do contexto escolar, a cada dia entramos em maior contato com imagens por meio de revistas, jornais, televisões e redes sociais. A fotografia está viva entre os meios de comunicação e pode contribuir na construção de conhecimentos. Refletir sobre a fotografia, com destaque para o seu potencial enquanto registro imagético de quadros temporais, significa lidar com temática que consideramos envolvente e significativa.

Ressaltamos a importância de conceber a fotografia como fonte histórica, como documento. Esse documento contém um apontamento visual que é composto por uma série de informações. Isso é uma característica que torna a fotografia um acesso “palpável” do passado. Kossoy (2001, p.152) é categórico ao afirmar que “as fotografias mostram, em seus conteúdos, o próprio passado”. Le Goff (2003), define a fotografia como um dos elementos fundamentais para conservação da memória, seja ela individual ou coletiva. O autor afirma que, “a fotografia [...] revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”. (LE GOFF, 2003, p.460).

A fotografia como fonte histórica é importante para desconstruir o uso da imagem apenas como ilustração. Percebe-se isso em livros didáticos, jornais, revistas, redes sociais, dentre outros. Sua utilidade se reservava apenas em mostrar, ou exemplificar tal contexto. “Para o pesquisador, sobretudo para o historiador, a fotografia, talvez represente a detecção de



Volume 15,n. 1, ano, 2019

uma fração especial com inúmeros significados temporais”. (ALBUQUERQUE; KLEIN, 1987, p.299). Reiteramos que a fotografia possibilita “sentir” o espaço registrado do passado. Por meio dela, apreendemos resquícios culturais, vestimentas, expressões faciais e corporais, espaço físicos, movimentação e diversos elementos que não são tateáveis em outras fontes, mas cabe salientar que tais aspectos carecem de maior atenção no momento que forem interpretados. Estas características são necessárias para compreender como a fotografia pode auxiliar no processo de aprendizagem de história.

Dessa forma, para o desenvolvimento do projeto estabelecemos um diálogo com os estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No primeiro momento buscamos identificar o que conheciam sobre fontes históricas. Concordamos com Seffner (2000, p. 173) ao afirmar que para promover o conhecimento histórico na escola é preciso inicialmente conhecer o que os jovens estudantes sabem sobre a temática a ser estudada e considerar os gostos dos estudantes.

Ao longo do diálogo verificamos que os estudantes tinham noções básicas sobre fonte histórica. Seguimos apresentando uma história da fotografia e exibindo a imagem de Joseph Nicéphore Niépce, considerado um dos mais relevantes criadores da tecnologia fotográfica. Mostramos, também, a primeira fotografia do mundo registrada por meio de equipamentos fotossensíveis. Explicamos sobre dois tipos de câmeras mais comuns, as analógicas e as digitais. Na continuação, questionamos os jovens sobre os possíveis objetivos da fotografia: transmitir pensamentos e conceitos, transmitir ideias, ser uma denúncia, registrar momentos ou situações, contar uma história, narrar fatos, reviver uma viagem, conhecer algum lugar distante, planejar férias, vender produtos, retratar pessoas, etc. Após a metade da aula, apresentamos elementos que constituem a fotografia e suas coordenadas de situação, segundo Kossoy (2001).

Percebemos que as turmas tiveram envolvimento com os questionamentos que estavam sendo abordados. Em uma das turmas, um estudante fez questão em relatar que outrora havia utilizado a fotografia para denunciar atos de seu irmão para seus pais. Outro colega aproveitou o comentário e utilizou a figura do detetive para exemplificar que este é contratado para fotografar assuntos diversos de acordo com o que o cliente pede. Tais



Volume 15,n. 1, ano, 2019

participações são fundamentais para perceber como os jovens recebem a temática no decorrer da aula.

A segunda aula iniciou com a revisão da aula anterior para que os estudantes pudessem relacionar o conteúdo apreendido com os conteúdos que seriam trabalhados na sequência. O tema dessa segunda aula foi “Composição fotográfica”. Os objetivos foram: mostrar técnicas para tirar boas fotografias; apresentar Sebastião Salgado e sua obra “Trabalhadores”; analisar com a turma fotografias da obra e preencher ficha de análise.

Essa aula foi pensada para estimular os estudantes a construir uma composição fotográfica para o registro de uma boa imagem. Com o projetor multimídia, apresentamos sete dicas para fotografar com telefone celular. Pensamos em destacar essa aula para o uso de telefones celulares por saber que a maioria dos jovens possui o equipamento para tal atividade. Dialogamos sobre as regras de composição como enquadramento, exposição, foco, ângulos e regra dos terços. Percebemos o quanto essa aula mobilizou os estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Alguns estudantes tiraram seus telefones da mochila para abrir a câmera do equipamento objetivando seguir os passos que estavam sendo ensinados. Sabendo da proibição do uso dos aparelhos celulares na sala de aula, alertamos os estudantes para evitar possíveis distrações causadas pelo aparelho. Podemos relatar casos específicos em que alguns alunos nos procuraram fora do horário de aula para pegar as dicas na prática.

Na continuação da aula, iniciamos a apresentação do fotógrafo Sebastião Salgado. Criamos um *slide* com sua foto e biografia para que os estudantes o conhecessem melhor. Exibimos e descrevemos três outras obras do mesmo autor, a saber, “Outras Américas”, “Êxodos” e “Genesis”. Os estudantes ficaram curiosos quando foi relatado que tais obras demoravam anos para serem concluídas. Aprofundamos as explicações abordando que o fotógrafo tem objetivos ao realizar esses trabalhos e que, por esses motivos, alguns projetos fotográficos possuem uma longa duração de execução. Na sequência, apresentamos a obra “Trabalhadores – uma arqueologia da era industrial”.

Optamos por trabalhar com as fotografias que registravam o cotidiano de trabalhadores na mineração em Serra Pelada e duas fotografias que retratavam o trabalho na lavoura de cana-de-açúcar. A escolha pelas duas últimas fotografias se deu pelo motivo de possibilitar relações com uma atividade econômica que ainda é fundamental no município de



Volume 15,n. 1, ano, 2019

Ituiutaba: A cana-de-açúcar.

Nos anos de 1990 é intensificada a expansão da cana de açúcar no município de Ituiutaba. Esse fato é reflexo de um cenário mundial, que passou a incentivar formas alternativas de produção de energia. Nos primeiros anos do cultivo da cana, recorria-se basicamente à mão de obra, uma forma de trabalho degradante, principalmente no corte da cana. A partir dos anos 2000, a expansão da cana-de-açúcar intensificou-se por meio da incorporação de inovações tecnológicas importantes, inclusive passando a utilizar a mecanização da colheita, além de inovações biológicas que possibilitaram a ampliação do período da colheita. Enfim, as inovações mecânicas para o cultivo da cana-de-açúcar são possíveis em todas as etapas do processo de produção agrícola. A mecanização eliminou muitos postos de trabalhadores temporários.

Na obra de Sebastião Salgado (1996), as páginas 23 a 37 retratam o cultivo da cana-de-açúcar no Brasil e em Cuba. Optamos por trabalhar com os estudantes duas fotografias que representam o trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar em Cuba⁵, pelo motivo de aproximar da realidade vivenciada no município de Ituiutaba. Tais imagens apresentam de maneira mais evidente os trabalhadores efetuando o corte manual da cana-de-açúcar. Pensamos em expor imagens que evidenciassem características físicas dos sujeitos, portanto, os registros fotográficos de Cuba foram selecionados. Apenas nove imagens representam o trabalho no Brasil exibindo retratos pequenos e paisagens abertas do canavial.

4 AS FOTOGRAFIAS NAS AULAS DE HISTÓRIA

Inicialmente, apresentamos duas imagens fotográficas, nas quais Sebastião Salgado retratou o trabalho na Serra Pelada, Pará. São elas:

Imagem 1 – Ouro, Brasil, Serra Pelada

⁵ O cultivo da cana-de-açúcar na região do Caribe iniciou pela chegada dos holandeses que, outrora, já haviam criado meios de produção no nordeste do Brasil. Foi necessária a importação de escravizados para o trabalho nas lavouras. Na época, Cuba tornou-se o maior produtor de açúcar da região.

Volume 15,n. 1, ano, 2019



Foto de Sebastião Salgado (1996) da obra "Trabalhadores – uma arqueologia da era industrial", p.308-309.

Nesta imagem, chamamos a atenção para a quantidade de pessoas que estavam na composição fotográfica. Questionamos: o que vocês acham que estava acontecendo na cena? Quem são essas pessoas? Imediatamente eles disseram que eram escravos brigando com o “seu dono”. Continuamos questionando: por qual motivo vocês acham que são escravos? E por qual motivo ninguém separou a suposta briga? Pensamos em fazer algumas perguntas para estimular a capacidade interpretativa dos alunos, mas não queríamos aprofundar, pois posteriormente trabalhamos com uma ficha de análise. Em linhas gerais, os estudantes interpretaram que a figura 1 representa uma briga entre escravos e seus senhores. Explicamos que a foto tirada de baixo para cima causa intensidade na imagem, pois os elementos constitutivos da foto aparecem mais altos. Partimos para a próxima imagem:

Imagem 2 – Ouro, Brasil, Serra Pelada.





Volume 15,n. 1, ano, 2019

Foto de Sebastião Salgado (1996) da obra "Trabalhadores – uma arqueologia da era industrial", p.318.

Destacamos novamente a quantidade de pessoas envolvidas em prol do mesmo objetivo. Explicamos que esta foto foi tirada de uma “parede” para dar ideia de altura e que pela luz da foto podemos perceber que estava de dia, ou seja, luz natural. Os estudantes disseram que a imagem lembrava um formigueiro e questionaram sobre as condições perigosas de trabalho do local. Explicamos sobre como o trabalho era efetuado no local. Reforçamos que o trabalho era manual sem uso de tecnologias. Eles ficaram curiosos, muitos não sabiam da existência da Serra Pelada. Alguns relataram ter assistido ao filme que foi exibido pela Rede Globo no ano de 2013, o que revela a importância do professor em conhecer a cultura histórica dos alunos. Aprofundamos a explicação apresentando que todos os tipos de sujeitos iam para a Serra Pelada em busca de ouro e que o trabalho, que os estudantes pensavam ser escravo, não seguia o mesmo modelo se comparado à forma aplicada no período colonial. Isso não isenta as diversas formas de exploração, trabalho forçado e o perigo existentes naquele local de trabalho.

Ressaltamos que ao trabalhar com as imagens apresentadas acima, tivemos o cuidado de conceituar o trabalho na Serra Pelada. Abordamos que o trabalho naquele local era feito manualmente por milhares de pessoas que se envolveram no trabalho em busca de ouro. Essa busca também era motivadora de conflitos, pois alguns territórios eram divididos dentro da própria mina. Durante a aula, a professora regente fazia algumas contribuições para exemplificar o conteúdo para os estudantes.

Selecionamos para complementar a atividade, duas imagens em que o fotógrafo retratou canaviais em Cuba. São as seguintes:

Imagem 3 - Canavial, Cuba.



Foto de Sebastião Salgado (1996) da obra "Trabalhadores – uma arqueologia da era industrial", p.28-29.

Ao apresentarmos a imagem 3, que mostra trabalhadores nos canaviais, foi possível estabelecermos relação com uma realidade regional de Ituiutaba. Nas proximidades da cidade, existem usinas de cana-de-açúcar bem conhecidas pelos moradores da cidade. Sabemos, também, que as usinas daqui não efetuam mais trabalho de corte manual, ou seja, usam-se maquinários para tal. A partir disso, comparamos o trabalho manual nos canaviais com o trabalho com o uso de máquinas.

Ainda nesta imagem, ressaltamos detalhes sobre a iluminação da foto. Mostramos que pela luz evidente, os trabalhadores estavam embaixo de sol forte e que por isso utilizavam roupas de manga longa e lenços na cabeça. Alguns estudantes citaram que pais, ou avós, chegaram a trabalhar no corte manual nessas usinas da cidade e relataram que, eles enfrentavam dificuldades como queimaduras, cortes, calor excessivo, dentre outros. Aproveitamos a oportunidade para esclarecer que o trabalho se modifica no decorrer do tempo, assim como conceitos.

Na imagem 4 reforçamos a luz da imagem, que aparenta ser em um dia ensolarado. Salientamos a ideia que os tratores talvez fossem utilizados apenas para o transporte da cana cortada. Ressaltamos também como Sebastião Salgado se preocupou em utilizar a regra dos terços para tal registro fotográfico e como respeitou a linha do horizonte. Pelos comentários



Volume 15,n. 1, ano, 2019

dos estudantes, foi perceptível que nesse momento eles já estavam mais habilidosos para analisar imagens.

Imagem 4 - Canavial, Cuba.



Foto de Sebastião Salgado (1996) da obra "Trabalhadores – uma arqueologia da era industrial", p.26-27.

Após apresentar as imagens e explorar elementos de sua composição, solicitamos o preenchimento de uma ficha de análise para os estudantes desenvolverem sua capacidade interpretativa. A ideia da ficha de análise consistiu em questionar os jovens sobre quem são aqueles sujeitos que foram retratados. Algumas informações, em relação às imagens, não foram reveladas de maneira detalhada para que pudéssemos qualificar a capacidade de interpretação dos jovens e também para concordar com a proposta metodológica dos projetos de pesquisa. Vale citar que,

No processo de ensino e aprendizagem, o aluno exerce um papel ativo: constrói conhecimentos, desenvolve atividades, discute, participa, busca informações, (re)cria textos variados. E o professor orienta e conduz o trabalho na busca de respostas aos problemas levantados. A aprendizagem se processa de forma contínua, ativa e questionadora. (GUIMARÃES, 2012, p.211).



Volume 15,n. 1, ano, 2019

Nessa perspectiva, consideramos o estudante como o principal sujeito da atividade proposta objetivando desenvolver a autonomia e a criticidade. Trabalhar com análise de outras fontes é essencial para abranger o conhecimento dos alunos.

Os projetos são igualmente importantes na medida que facilitam e implicam a busca, o contato, o diálogo com fontes diversas [...] ampliando as possibilidades temáticas e a compreensão histórica. Auxiliam o desenvolvimento da expressão oral e escrita. Iniciam os alunos nos caminhos da investigação, da produção de saberes, evitando a prática da pesquisa vulgarizada, identificada com cópia de trechos e textos desconexos em forma de trabalho. (GUIMARÃES, 2012, p.214).

Sendo assim, os questionamentos da ficha de análise causam novas reflexões nos educandos. Ela se pautou em nove questões:

1. Ano em que a foto foi tirada:
2. Local onde foi feita:
3. Faça uma legenda sobre a foto:
4. Quem é o autor?
5. O que você acha que está acontecendo na foto?
6. Quem são as pessoas que aparecem na foto?
7. O que elas estão vestindo?
8. O que elas estão fazendo?
9. Elabore um pequeno texto abordando o que você achou interessante na fotografia.

A atividade foi feita em sala de aula. Consistiu em analisar duas fotografias, a imagem 1 e a imagem 4, apresentadas acima. Levamos as imagens impressas. Na folha impressa, os estudantes escolheram uma para preencher a ficha. Acreditamos ser o debate ideal para obter maiores significados acerca da atividade proposta e, sendo assim, foi solicitado que o trabalho fosse feito em duplas ou trios. Em números, considerando a média de 35 estudantes por turma, recebemos 69 trabalhos. Envolvemos 128 estudantes. A divisão da turma para realização do trabalho se deu da seguinte maneira: 24 estudantes fizeram o trabalho individualmente, 31 estudantes fizeram em dupla e 14 estudantes fizeram em trio. Da quantidade total de trabalhos recebidos, 40 deles escolheram a Imagem 1 que retrata a Serra Pelada. Em relação aos trabalhadores no canavial, foram recebidos 29 trabalhos.

Para avaliar as interpretações dos estudantes, levamos em conta as propostas acerca de aprendizagem apontadas pelos PCN, na qual os alunos são percebidos como agentes ativos do processo de conhecimento. Tomamos como base os verbos: identificar, descrever, analisar,



Volume 15,n. 1, ano, 2019

relacionar, para compreender o impacto das atividades propostas. As questões de 1 a 8 foram registradas em todos os trabalhos entregues. Foi possível perceber que todos conseguiram identificar a autoria da foto, o ano e local de produção, descreveram as imagens e criaram legendas que apresentaram relação com a fotografia analisada. Nos detemos em alguns exemplos com base nas respostas da questão 9, da análise de fotografia que foi sugerida aos estudantes e consistiu na elaboração de um pequeno texto. Observamos que os estudantes conseguiram identificar as questões propostas. A seguir vamos exibir alguns exemplos de respostas pelos estudantes. Vale ressaltar que transcrevemos com a mesma ortografia que a atividade foi entregue.

Os homens estão brigando pode ser pelo ouro ou por que o trabalhador poderia estar roubando o ouro e o segurança viu e começou a brigar com o rapaz e parece que ele está machucado e muito bravo com o segurança. (6° A, 2017).

A resposta acima foi referente à Imagem 1, da Serra Pelada. Evidencia que o aluno foi capaz de identificar, descrever e analisar. Percebemos que na composição da resposta há a identificação de sujeitos (o trabalhador e o segurança) e também há uma análise do que poderia estar acontecendo no momento em que Sebastião Salgado fez o retrato. Outro exemplo, também mediante a imagem 6 foi de um estudante do 6° C:

Os minerador brigando: Um dia na Serra Pelada os mineradores estavam trabalhando para achar ouro, até que o dono da fazenda chegou e falou para eles ficarem trabalhando até o final do outro dia. So que os trabalhadores não querião trabalhar ate o outro dia, então eles armarão uma briga feia, e um dos mineradores pegou com seu punho e deu uma surra no dono e ele deixou o dono morrer na serra pelada. Fim! (6° C, 2017).

Tal resposta explicita que o estudante trabalhou com os quatro verbos citados. Ao criar uma história, foi capaz de identificar e descrever sujeitos (mineradores e dono da fazenda), criou uma situação de conflito ao relacionar a imagem com a aula expositiva, e de maneira geral analisou o contexto da Serra Pelada para dar desfecho à resposta. Partimos agora para uma resposta que foi referente à imagem do canavial, a imagem 4:

Nós achamos interessante os homens trabalhando no sol é muito sofrido eles são grandes guerreiros, nós achamos que eles tinham família e por isso trabalhavam assim para poder sustentar sua família, e esse trabalho não é pra qualquer um não e



Volume 15,n. 1, ano, 2019

também para pagarem suas dívidas comprarem coisas pra eles e pra seus familiares, ou seja pagarem seus gastos. (6º A, 2017).

Essa resposta revela que o estudante foi capaz de identificar os sujeitos, descrever por meio de análise a possibilidade da existência de familiares. Levantamos a hipótese de que a resposta pode ter relação com a vida pessoal (pelas vivências e situações percebidas do ambiente familiar) e com as explicações que foram apresentadas nas aulas expositivas. Outro exemplo relacionado à imagem 4:

Em bora já existissem máquinas para cortar, plantar, irrigar, muitas pessoas sem condições de comprar máquinas ainda trabalham no serviço manual, sem ajuda de máquinas, elas passam por muitas dificuldades. (6º C, 2017).

O aluno criou uma reflexão na qual identificou e descreveu elementos necessários no trabalho do corte de cana. Relacionou a mensagem que a fotografia passa com a aula expositiva no momento em que foi explicado que o trabalho de corte não é mais executado por meio do serviço braçal, mas por maquinários.

As respostas pertinentes à Imagem 4 apresentaram reflexões pautadas nas aulas expositivas e em vivências. Ao analisar o que os estudantes responderam na questão que exigia interpretação visual, podemos perceber que é possível extrair elementos da fotografia juntamente com a narrativa da aula expositiva dialogada. Consideramos que os estudantes apreenderam novos significados em relação a imagens fotográficas, relações de trabalho e também tiveram a oportunidade de questionar o conteúdo fotográfico.

Após apresentar as regras de composição, apresentar Sebastião Salgado e suas obras e realizar o preenchimento da ficha de análise, acreditamos que os jovens adquiriram mais critérios para levarem em conta no momento de fazer seus registros fotográficos. Para poder qualificar resultados na prática, sugerimos uma atividade que consistiu na produção de fotografias. Inicialmente, ao questionar a turma, constatamos que a maior parte dos alunos possuíam celulares com câmera e com o aplicativo “*WhatsApp*”, que serve para troca de mensagens instantâneas bem como a transmissão de fotos, arquivos, mensagens de voz e ligações. A tarefa proposta consistia em fazer um registro fotográfico, com tema livre, baseando-se nas dicas de composição fotográfica apresentadas nas aulas, e enviar para o



Volume 15,n. 1, ano, 2019

nosso número de *WhatsApp*. Desta forma, seria possível perceber o desenvolvimento e interesse dos jovens com a atividade.

Para avaliar as produções fotográficas consideramos se os registros fotográficos foram inspirados nas dicas de composição, iluminação, enquadramento, filtros, cores, foco, dentre outras que foram apresentados aos estudantes. Em números, 24 estudantes enviaram imagens totalizando 40 fotografias. Consideramos baixa quantidade de participantes, mas é fundamental considerar determinadas questões como tempo, pois a atividade foi desenvolvida em apenas uma semana, e equipamentos, pois apreendemos que grande parte dos jovens possui telefone celular com câmera, mas sem acesso à internet. Percebemos que parte dos jovens enviaram seus registros a partir do celular de seus responsáveis.

Para especificar o conteúdo das fotografias recebidas e criar critério para análise, propomos cinco categorias: Retrato/*selfie*; animais; paisagem; plantas, flores e árvores; e aleatórias ou gerais. Da categoria retrato/*selfie*, recebemos 9 fotos. Da categoria animais, recebemos 9 fotos. Do que foi considerado paisagem, recebemos 4 fotos. Das imagens que registraram plantas, flores e árvores, recebemos 14. Por fim, classificamos 4 imagens como aleatórias ou gerais.

As fotografias enviadas pelos estudantes apresentaram elementos que foram discutidos em sala de aula, tais como não utilizar o *zoom* pois, para manter a qualidade total oferecida pela câmera é essencial que o autor da foto se aproxime de seu alvo. Outro elemento identificado foi a boa iluminação e composição da imagem. As imagens utilizaram de forma adequada a questão da iluminação; muitas seguiram a regra dos terços. Alguns estudantes revelaram o interesse em seguir a carreira de fotógrafo.

As imagens recebidas revelam que o alvo dos registros fotográficos captados pelos estudantes, consistem, majoritariamente, em temas de seu cotidiano. É comum termos em casa animais de estimação, objetos e plantas. Tais resultados são essenciais para refletirmos como funciona o processo de composição fotográfica dos adolescentes com faixa etária do 6º ano. Mesmo com as dificuldades de prazo e tecnologia, recebemos quarenta imagens que tornaram possível realizar uma análise de como o ensino fundamental reage a atividades com uso de outras fontes como material didático.



Volume 15,n. 1, ano, 2019

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto de ação didática revelou a importância de conhecer os aspectos mais particulares que rodeiam o ambiente escolar. Sem esse conhecimento, seria impossível estabelecer uma dinâmica que possibilitasse envolver ativamente a maior quantidade possível de sujeitos considerando a multiculturalidade da escola. Conhecer a escola e seus espaços físicos nos permite potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

A escola é um lugar aberto para diferentes experiências. Envolver fotografia com ensino de História foi uma tarefa rica e os resultados evidenciaram um aproveitamento por parte dos estudantes. Com as regências procuramos enfatizar a importância de problematizar as imagens fotográficas e esclarecemos que a fotografia é portadora de ideologias, vontades e sempre há alguém por trás de sua produção. Isso é essencial para que as crianças possam ter mais critérios ao ter contato com as diversas imagens espalhadas nas redes sociais. Colocar os jovens no processo de produção de registros e chamá-los de “autores” cria caráter de responsabilidade e autonomia dos jovens, colaborando para o desenvolvimento de cidadãos críticos e sujeitos de sua própria história.

O desenvolvimento da pesquisa nos levou a concordar com Guimarães (2012, p.157) ao afirmar que a história pode-se efetivar como disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora. A história tem o papel central de formação da consciência histórica dos homens possibilitando a construção de identidades, da elucidação do vivido, da intervenção social e de praxes individuais e coletivas.

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Mali Brito M.; KLEIN, Lisabel Espellet. Pensando a fotografia como fonte histórica. **Cadernos de Saúde Pública**, RJ, 3 (3): 297-305, jul./set., 1987. Disponível em: <<https://goo.gl/y3cP1S>>. Acesso em: 03 out. 2017.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. (Lei no 5.692/71).



Volume 15,n. 1, ano, 2019

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia** (Ensino Fundamental – 5ª a 8ª séries). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/historia.pdf> Acesso em: 03 out. 2017.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História: experiência, reflexões e aprendizado**. 13. ed. rev. ampl. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

PPP. **Projeto Político Pedagógico** – PPP. Escola Estadual João Pinheiro. 2015 (digitalizado).

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 167 p.

LAUTIER, Nicole. **Os Saberes Históricos em Situação Escolar: circulação, transformação e adaptação**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 39-58, jan./abril, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/vmyH68>> Acesso em: 03 out. 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SALGADO, Sebastião. **Trabalhadores** – uma arqueologia da era industrial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SEFFNER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino de história. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 257-288.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. **História**, Rio Grande, v. 1, n. 2, p.113-120, dez. 2010. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2366>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto de ação didática: Uma técnica de ensino para inovar a sala de aula. In: VEIGA, Passos Alencastro (org.). **Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2006.